

A FOME E A INCONTROLÁVEL VONTADE DE COMER¹

Pedro Eduardo de Felício²

“Sofremos de gula, até os pobres ficaram obesos”

João Sayad, Folha de São Paulo, 17.01.2005, p. A2

Se o prezado leitor tem 1,75 m de altura e não mais do que 75 kg de peso, parabéns, seu índice de massa corporal (IMC = divisão do peso pela altura, em metro, ao quadrado, no caso $75 : 1,75^2$) é igual a 24,5 e você está na faixa de peso normal, mas cuidado, porque ao ceder à tentação de uma apetitosa lasanha, ou de quitandas variadas, ainda que seja “só desta vez” como sempre, seu peso aumentará um pouco e seu IMC chegará rapidamente ao limite entre o normal e o sobrepeso. E se continuar comendo não para se nutrir, mas porque é gostoso comer bem, e não se exercitar diariamente, em alguns anos você estará pesando 90 kg, como este glutão que o adverte, e terá atingido mais um limite, só que agora na problemática fronteira da obesidade.

Mas isto não é novidade, nem estaríamos aqui tratando do assunto não fosse pela contundência das conclusões da última pesquisa POF (Pesquisa de Orçamentos Familiares), 2002-2003, do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, sobre o IMC individual e o consumo de alimentos das famílias, divulgada no final do ano passado, que passará para a história tanto pela qualidade e importância dos dados, como por ter provocado, seja por atropelo de final de ano, seja por má assessoria, ou ambos, uma das piores gafes dos dois anos de governo do presidente Lula.

Resumidamente, eis o que diz o IBGE: 1) A prevalência de déficit de peso entre brasileiros de mais de 20 anos indica baixa exposição à desnutrição para as mulheres das áreas rurais do Nordeste, e para mulheres de famílias com rendimentos mensais de até $\frac{1}{4}$ de salário mínimo *per capita*; para o restante das mulheres e para todos os homens, as evidências apontam ausência de exposição relevante à desnutrição; 2) A evolução de déficits de peso nas últimas três décadas indica declínio contínuo da exposição à desnutrição em todas as regiões e em todas as classes de rendimento; entre os homens chega-se agora à ausência de exposição à desnutrição e, entre as mulheres, à exposição leve ou inexistente.

Seria motivo de júbilo bastante para uma grande festa nacional, ou quem sabe até para se compor um samba-enredo e preparar as respectivas alegorias, para falar do fim da fome entre os adultos. A festejada supermodelo Gisele Bündchen poderia ir para a avenida como destaque ilustrando com muita propriedade que “a mulher brasileira” precisa ser magra sim, desnutrida jamais. Afinal que país é este que não comemora vitória de tal magnitude?

Brincadeiras à parte, o fato é que não houve disposição para comemorações. O presidente da República, que naquele instante ignorava a metodologia utilizada na pesquisa – provavelmente não fora avisado de que 95,5 mil indivíduos da amostra analisada tinham sido medidos e pesados e questionados meticulosamente – amou e a desqualificou, sem mencionar o IBGE, dizendo que as pessoas “têm vergonha” de responder que passam fome. Obviamente é difícil para quem se elegeu argumentando que a miséria e a fome atingiam $\frac{1}{4}$ da população (ver Programa Fome Zero do início do governo); que na posse priorizou enfaticamente o combate à fome.

¹ Artigo publicado na Revista ABCZ, Uberaba, Ano 4, n.24, p.98-99, jan./fev. 2005.

² Professor-associado da Faculdade de Engenharia de Alimentos, Unicamp. CP 6121; CEP 13083-862.

"...num país que conta com tantas terras férteis (...) milhões de brasileiros (...) estão, neste momento, sem ter o que comer, sobrevivendo milagrosamente abaixo da linha da pobreza, quando não morrem na miséria, mendigando um pedaço de pão"

Discurso do Presidente Lula no Parlatório do Palácio do Planalto, Janeiro de 2003.

Que chegou a criar o Ministério Especial de Segurança Alimentar e Combate à Fome, extinto um ano depois; que nas reuniões internacionais insiste na criação de um fundo para combater a fome no mundo, ignorando que as Nações Unidas já têm a FAO (Organização para Alimentação e Agricultura), que gerencia vultosas somas de recursos financeiros e mobiliza competências científicas de todas as partes com tal propósito, mas que nada pode contra a má distribuição de renda de cada nação. De repente, admitir que a fome – pelo menos entre os adultos – acabou no país é algo impensável.

E de resto não poderia mesmo haver comemoração, pois enquanto declinava a fome, crescia a irresistível vontade de comer, melhor dizendo, a desorientação quanto ao que comer de modo a manter o peso estável, como informa a 3ª conclusão da POF: - O excesso de peso alcança grande expressão em todas as regiões do país, nos meios urbano e rural, e em todas as classes de rendimentos; prevalências entre 20 e 30%, e de 30 a 40% foram encontradas mesmo nas piores situações de renda familiar; e de 40 a 50% nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. A prevalência do excesso de peso superou a de déficits ponderais, em média, em oito vezes entre as mulheres e em 15 vezes entre os homens. No país, 40% dos indivíduos têm excesso de peso, sendo que 20% dos homens e 30% das mulheres com sobrepeso já são considerados obesos.

Note-se, como bem adverte o IBGE, que é errôneo extrapolar esses resultados para lactentes, crianças e adolescentes, que diferem dos adultos na vulnerabilidade à desnutrição, entretanto não há motivo para pessimismo, pois, como explicou Sônia Rocha, da FGV, autora do livro *"Pobreza no Brasil: afinal, de que se trata?"*, o indicador mais sensível de desnutrição, a mortalidade infantil, vem declinando no longo prazo, de 117 por mil em 1970, para 30 por mil em 2000 (Folha de SP, 21.12.2004, p. C4).

O presidente sempre esteve certo num ponto: é preciso dar combate sem tréguas às causas da pobreza que, em janeiro de 2003, atingia 7,9 milhões de famílias (média de 3,34 pessoas/família), subsistindo com renda familiar mensal de até dois salários mínimos (1SM = R\$200 na ocasião). Na outra ponta, o Ministério da Saúde terá agora que combater as causas da obesidade.